

A BORBOLETA

UM ANNO DEPOIS

A' minha presada amiga D. Maria Candida de Paiva, e seu esposo Domingos Augusto Ramos, no primeiro anniversario do seu casamento.

Sabeis o que é ter n'alma a flor d'essa ventura,
Sonhada ao despontar da nossa mocidade?
No peito, erguida a fê—a fê que alenta e dura,
E que hade encher de luz o escuro d'outra idade?

Sabeis o que é sentir na mão que estreita a nossa
A lealdade, o amor, a protecção, o enleio,
—Carinho sempre novo em que a alma se remoça,
E crença que não teme as sombras d'um receio?

O que é sentir no ouvido a voz, cuja harmonia
Encerra o mago tom das musicas suaves,
O canto mavioso e grave que extasia,
E o crystalino som do gorgear das aves?

O que é sentir no lar o celestial perfume
Da paz que vem do ceu, do ceu que vem do amor,
Do acorde palpitar que dois n'um ser resume,
E o sitio mais agreste inunda de esplendor?!

Pois tudo aqui se aspira, aqui onde florem
As rosas da affeição, os jubilos serenos.
E, se de longe em longe as lagrimas gotejam,
—Orvalhos da manhã, nos dias mais amenos.—

Não queima, dulcifica o pranto da anciedade,
Que lembra n'este dia a Mãe e Irmãos distantes,
Que, vistos atravez do prisma da saudade,
Ensombram da alegria os rapidos instantes.

—Princesa d'este lar, rainha d'uma festa,
Onde o sentir desata as preciosas flores,
Que brotam ao calor da chamma que não cresta,
E a cada hora tem mais vida e graça e côres,

Eu venhote dizer—abril, o mez formoso,
O teu noivado encheu d'aromas peregrinos;
—Só eu—pobre de mim, desejo, mas não ousou
Pintar como és feliz, nos meus singelos hymnos!
Coimbra—1 d'Abril—1877.

AMELIA JANNY.

NINHOS DOS PASSARINHOS

Não sei de povo nenhum no mundo,
em que as creanças não tenham propen-

são insistente para o roubo dos ninhos dos passarinhos.

Desde que a primavera desabrocha nos campos a sua risonha florescencia, não começam as creanças a formar outros projectos d'entretenimento.

E' uma tendencia juvenil, que as mães não devem deixar de desarraigir dos corações dos filhos, como exemplos maus para outros peiores.

Lembrem-lhes ellas a affeição e o desconsôlo, em que os seus filhos collocam a desventurada avesinha que é mãe.—Façam-lhes notar com insistencia, que todos os cuidados e desvelos d'essa avesinha, superiores immensamente aos de muitas mães da nossa especie, estão concentrados noite e dia na conservação da prole dentro do ninho.—Lembem-lhes em fim, que esses ninhos são construidos d'um modo maravilhoso e surpreendente, cada um com particularidades inherentes ao modo de viver de cada especie, de maneira a poder servir d'asylo e refugio com suavidade aos tenros filhinhos.

Cada vez que vejo o roubo d'um ninho de passarinhos, sinto-me commovida e impressionada, como se realmente me roubassem alguma cousa de muita estima para mim.

Assalta-me para logo a imagem da amargura dos progenitores dos tenros filhinhos; o abandono em que estes ficam sem guardida; os tormentos reciprocos dos paes e dos filhos; e os exemplos de dureza de coração, que se vão inoculando nas creanças que perpetram os roubos, sem que nada possa justificar attentados d'esta ordem, e que são degraus para outros maiores.

A religião—não; porque ella inspira sempre no coração affectos d'amor e caridade.

A moral—tambem não; porque ella nos brada sempre, que não façamos a ninguem, o que não queremos que ninguem nos faça a nós.

A natureza—ainda menos tambem; por que ella dá a todos os seres do universo o instincto da conservação propria: e só para manutenção dos da existencia individual, e não por caprichoso prazer, é que ella auctorisa a uns d'estes seres a disporem da vida dos outros.

Ensinem as mães aos filhos estas verdades no lar domestico.—Repitam-nas os

mestres aos discipulos nas escholâs.—Inspirem-nas os adultos aos infantes nos seus entretenimentos.—Nem as percam de vista no confissionario os directores das consciencias, recommendando-as aos paes e aos filhos nos momentos solemnes da penitencia.

Farão todos assim um serviço valioso á sociedade, para que as creanças não cheguem a familiarisar-se com scenas de crueldade e latrocinio, adquirindo habitos perversos, que as tornem algum dia em perseguidoras dos seus proprios semelhantes.

Não haverá talvez de futuro, com estas predicas e insinuações bemfazejas, tantos maus cidadãos e tantos maus chefes de familia.

Ilha de S. Miguel.

EMILIA BETTENCOURT.

ADEUS!

(Recitada junto do ataúde do meu bom e mallogado condiscipulo Basilio Leite de Sousa e Vasconcellos, segundo annista de Direito na Universidade).

I

E' triste vêr cahir, no chão, desfeitas
As candidas chimeras transparentes
Da mocidade em flor;
E vêr murchar os fructos do talento,
E fugir-nos da gloria o sonho bello,
O nosso doudo amor.

II

Foi d'esta sorte o teu viver amargo.
Da lucta em meio desmaiou-te a fronte,
Mal raiava a manhã.
E sonhavas a terra promettida!
Assim Moysés, o biblico propheta.
Sonhava Chanaan.

III

Vias ao longe a gloria appetecida,
E da verdade austera os pômos de ouro,
Os fructos ideaes.
E esmaiaste, sorrindo, pobre moço!
Sentindo sobre os labios as estrellas
Dos beijos maternas.

IV

Pobre creança, luctador sincero,
Chovam sobre o teu corpo inanimado
As benções do Senhor!
E que a tua alma se remonte e ascenda,
Do nosso pranto na espiral saudosa,
Ao célico esplendor!

V

Gentilissimo espirito, que vôas
Em busca das fragancias olorosas
Das verdades de Deus:
Escuta a voz de teus irmãos na lide,
Que vêm n'esta hora de suprema angustia
Dizer-te o extremo adeus!

Coimbra—Fevereiro 1874.

GONÇALVES CRESPO.

RUINAS DA CITANIA

Tiveram ultimamente as ruinas da Citania em Briteiros duas visitas de renome, preliadoras d'outras e outras ainda.

Effectuaram a primeira—no dia 8—os nossos conhecidos archeologos Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, cavalheiros illustrados d'extrema delicadeza.

No dia 19, effectuou a segunda o nosso famigerado fundador da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, Joaquim Possidonio Narciso da Silva—respeitado e venerado no paiz e fora d'elle.

Percorridas as ruinas maravilhosas do monte de S. Romão, nenhum dos visitantes deixou de louvar do intimo d'alma, o que tem feito alli o patriotismo indefesso do nosso archeologo Francisco Martins de Moraes Sarmiento—desajudado dos auxilios dos poderes publicos, protectores d'empresas d'esta ordem em toda a parte.

Na discussão das interrogações numerosas—que aos cultores da archeologia está fazendo de continuo aquella esphynge de Briteiros—não houve desaccordo essencial em nenhum dos tres illustres exploradores.

A's duvidas conscienciosas, succederam-se discussões d'eguaes quilates, em ameno convivio cavalheiroso.—Estão no entanto accordes todos, em que é a *hypothese celticista*, a que melhor se coaduna com os restos alli existentes a descoberto.

D'este preludio eventual—filho do ad-

diamento forçado da *conferencia archeologica*, prefixada para o dia da primeira d'estas excursões—muito ha que deva esperar-se grande e valioso, no dia da realisação do congresso dos nossos antiquarios no monte de S. Romão—apenas o tempo bonançoso dê lugar para isso.

Fica este monte na altitude metrica de 336,57—rodeado d'um vistoso e amplo horizonte, com outros sitios de montes, onde apparecem ainda ruinas de fortificações.

Um d'estes sitios—e dos mais curiosos na especie—é o monte de Sabroso em Sande, com a altitude metrica 278,36.

Os tres illustres visitantes, a quem acompanhei desde Braga á *Citania* com alguns amigos, recolheram-se a esta capital do Minho—penhorados do tracto cavalleiroso do nosso Martins Sarmiento, e maravilhados da illustração archeologica d'este filho egregio de Guimarães.

Todos os assistentes prometteram voltar de novo á *Citania*, quando tiver lugar a *conferencia archeologica*—e não só em homenagem patriótica ao que valem aquellas ruinas propectas, senão ainda em preito de gratidão ao seu explorador indefesso.

Os que virem e examinarem estas reliquias do passado—á luz esplendente dos estudos pre-historicos—reconhecerão com o distincto archeologo hispanhol D. Tubino, em seus *Aborígenes Ibericos*, que n'estas ruinas da *Citania* ha com assombro:

...amplísimos horizontes á la atención y perspicacia de los hombres reflexivos...

Braga, 20 Abril 77.

PEREIRA-CALDAS.

NA CARTEIRA DE UM VELHO

Contemplo em seu olhar ardente e luminoso
O fogo que a devóra—um fôgo sensual,
E vejo o estremecer phrenetico, nervôso
Do seu franzino corpo, esguio, esculptural.

No cérebro doente eu sinto (estranho gôzo)
O rude combater, a lueta desigual
Dos pensamentos seus—um mar tumultuoso
De tentações febris em doida bachanal.

Se a vejo em mim fixar os olhos diamantinos,
E vejo em sua face uns sulcos azulinos,
Que me fazem lembrar seus extazis ferventes,

Eu sinto rebenhar no peito a tempestade
De mil desejos vãos, de lubrica anciedade...
—Dá Deus as nózes, sim, a quem já não tem dentes!

Lisboa.

VICENTE NOVAES.

O CHOCOLATE.

III

*Un prophete inspiré avait-rapporté
cette fève d'un jardin celeste, absolument
comme Mahomet avait reçu
celle de l'yemen de la propre-main
de l'Ange Gabriel.*

Fonsagrives—Hygiene, pag. 333.

Diz o illustrado Fonsagrives, fallando ácerca d'esta nutritiva bebida. As raças indo-germanicas e anglo-saxonias usam o chá; os orientaes o café, e as raças latinas o chocolate. Quem ignora que, principalmente a Hespanha, faz grande uso desta preparação? Quem o poderá afirmar tão bem, como todos os que temos viajado n'aquelle paiz, onde principalmente e de madrugada, nos restaurantes do caminho de ferro ou nas estações de descango das diligencias, se não passa sem a classica chavena ou chicarita d'aquella saborosa e tão bem fabricada bebida, que só a mão da interessante hespanhola póde tão bem preparar? E quem negará que isto vem d'antigos tempos, sendo principalmente n'este paiz, na França, na Italia, e ainda mesmo em Portugal, que mais se consome esta bebida?

Na Europa não entram por anno menos de 15 milhões de kilos de cacáo; e a Hespanha e a França é que consomem o maior numero desta bebida favorita de Montezuma. Diga-se porém, em abono da verdade, que o chocolate mais bem feito, e o mais puro, é sem duvida o hespanhol.

Foi no Mexico que os conquistadores hespanhoes, com Cortez á frente e em 1519, começaram a fazer uso do chocolate, ou antes do cacáo, do qual muito havia entre todas as povoações, que estavam sujeitas ao jugo europeu.

N'aquelle tempo era o cacáo o alimento favorito de toda a gente. Ricos e pobres delle faziam uso: era para todos a sua nutrição habitual. Até as mais suaves especies eram destinadas para os incas; e as legendas poeticas attribuíam ao cacáo uma origem maravilhosa. Eis a causa da nos-

sa epigraphé, pela qual fazemos ver, o que se suppunha a seu respeito, tendo em vista aquelles povos, que elle fôra creado n'um celestial jardim.

Houve tempo, em que se não gostava muito desta bebida, e deste numero foram os soldados de Cortez. Não ha duvida, porém, que o chocolate começou a ser aperfeiçoado, deitando-se-lhe assucar, alguns arômas, e entre elles a baunilha, a qual ainda hoje lhe dá aquelle suave arôma, que tem o chocolate de Mathias Lopes, com tantos consummidores, e de tantas especies, alem de tão bem preparado na colonial fabrica do Escorial de Madrid. Salvê Mathias Lopes, que te tens immortalisado pelo apuro que destes a uma bebida, que para nós é excellente pela manhã, quando feito á moda hespanhola!

Foi carlos V no meiado do 16.º seculo, que introduziu o chocolate em Hespanha: e apesar do monopolio, que delle quizeram fazer os nossos visinhos, é certo que, em pouco tempo, começou a espalhar-se o seu uso pela França, na epoca em que vivia Anna de Austria, sendo o grande Richelieu que então mais o propagou. As sophisticações, porém, não faltavam, assim como ainda hoje existem. Ha poucos chocolates de saúde, porque poucos são puros e simplesmente formados de cacáo, de assucar, e de varios arômas.

O consumo do chocolate é hoje consideravel em toda a Europa.

A França, que em 1789 apenas consumia 300 mil libras de cacáo, já em 1836 esgotava um milhão e 500 mil kilos; e de 1862 por diante já monta a uma quantidade mais espantosa.

(Continúa.) DR. LINO DE MACEDÓ.

NENIA

AO MEU AMIGO E PATRICIO O COMMENDADOR
DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO
NA INFAUSTA PERDA DE SEU NETO E NÓRA
COMO SENTIDO —PEZAME—

L'amitié d'un protestant ne peut rien pour son ami, son ami mort; l'amitié d'un catholique ne s'arrete point au marbre de la tombe... avec notre croyance nous prolongeons vos affections en depit de la mort.

Walsh—Fêtes chrétiens.

Ainda mal cerrada a fria campá
Sobre um joven querido,
E outra campá, já de novo erguida,

A tábida garganta,
De novo aberta p'ra roubar ao mundo
Outro ente presado,
A extremosa mãe, que após o filho
Subiu p'ra a Eternidade,
Crendo que lhe ficava em longes terras
A joia de sua alma
Sem poder dar-lhe o derradeiro abraço
Na despedida extrema.
Fechada a campá, apenas, que escondêra
Ao terno pae o filho,
Eil-a de novo erguida p'ra roubar-lhe
P'ra sempre a cara esposa!
N'elle, que lisongeiras esperanças
Tão rapidas murcharam!
N'ella, que perda de sublimes dotes
O mundo hoje pranteia?!
Elle, facho de luz que já fulgia,
Promettendo tornar-se
De Minerva no templo astro brilhante,
Despareceu na sombra!...
Oh! que ledos futuros se eclipsaram,
Que futuros de gloria!
Que aos Paes, Avôs, Parentes e amigos
De nobre orgulho enchiam!...
Fallem esses, que o viram admirados,
Em tenra idade ainda,
Transpor do estudo as intrincadas sendas;
Que laureado o viram!...
Gastou-lhe as forças o aturado estudo;
Mirrou-lhe os ledos dias!...
E ella—a esposa exemplar d'esposas,
Das mães modelo e norma,
A mais constante amiga, o ser benefico
Do desvalido e triste!
Ai! do esposo a mais presada joia,
E da familia o idolo!...
Oh! se a crença n'um Deus nos não vertêra
N'alma suave balsamo;
Quem resistir podêra a dôr tão funda,
A tão profundos golpes,
Com que a Morte nos fêre de continuo
Cobrindo-nos de lucto?!
Sirva-te, pois, de lenitivo á magoa,
Ver, que livres do mundo,
Onde as miserias e os trabalhos reinam,
Estão gosando alegres,
Da sam virtude o galardão perenne
Lá na Patria dos Justos.
Este consôlo d'um amigo accêita,
Que socio em teus pesares
Pranteia como tu, perdas tão grandes,
Que são pedaços d'alma.
Por seu descanso eterno ardentes preces
Enviêmos aos ceos.
A despeito da Morte, alem da campá
Nossas crenças lhes digam
Que p'ra nós não morreram, qu'inda vivem

Em nós lembranças d'Elles ;
E que por Elles a Jehovah mandamos
Orações fervorosas :
Pois se de nós na vida foram q'ridos,
O são depois da morte.
Braga, 4 d'abril, 1877.

CORREIA JUNIOR.

BRIC-À-BRAC LITTERARIO.

Temos hoje a dar aos illustrados leitores do nosso humilde hebdomadario uma gratissima novidade.

Gonçalves Crespo, o adoravel poeta das *Miniaturas*, vae abrir nestas columnas uma secção importantissima tanto para o phylologo, como para o curioso.

Intitular-se-ha *Bric-à-brac litterario*.

N'ella procurará o nosso illustre collaborador descobrir o como e quando nasceram e se infiltraram na lingua portugeza muitas locuções proverbiaes, e phrazes já feitas, que a cada passo ouvimos, e disemos em conversa, e cuja origem e procedencia geralmente se ignora; como por ex. :

— *Bem te conheço, meu pau de laranjeira.*

— *Estar entre as dez e as onze.*

— *Nascer mettido n'um sacco.*

E tantissimas, e innumeradas.

Por estas simples indicações se infere que a nova secção é de grande utilidade para a nossa litteratura.

Manda-nos o dulcissimo poeta que digamos aos estimaveis leitores desta folha, que serão recebidos na sala deste *Bric-à-brac*,—e com a mais sincera hospitalidade— todos os que apparecerem com alguma phraze no genero das que acima apontamos.

Das opiniões encontradas, que provavelmente surgirão, originar-se-ha um torneio agradavel e proveitoso para nós todos que não temos horror aos livros.

Pelos nossos collaboradores e leitores, desde já, meu delicioso Crespo, um fortissimo apêrto de mão.

DIAS FREITAS.

PEZADELLO

(A Arthur Lobo)

Depois de ceia opipara, servida
A quatro bons rapazes folgazões,
Fui reclinar-me nos fieis colchões
— Testemunhas da minha triste vida.

Julguei trazer á paternal guarida,
Em brando somno, ephemeradas visões,
E disfructando estranhas commoções
Colher um beijo d'ella á despedida.

Nem um sonho sequer tenho amoroso,
Que me embriague a louca phantasia
N'estas edades de praser goso!

Vê tu: sonhei, que em tosca penedia,
Junto á margem d'um rio caudaloso,
Bebera longos tragos d'agoa fria!...

Lisboa.

FRANCISCO DE MENEZES.

EMMELINA

(Versão de Alfredo de Musset)

(Continuação)

III

Emmelina não contou a pessoa nenhuma a sua aventura. Viu n'ella uma lição para si e um assumpto de reflexão. Este acontecimento não alterou o seu genio; sómente, quando a senhora d'Ennery, segundo o seu costume, a abraçava á noite antes de se retirar, um ligeiro calefrio fazia empallidecer a condessa.

Muito longe de se queixar de sua tia, como no principio resolvera, procurou pelo contrario approximar-se d'ella e fazel-a fallar mais. Tendo-se afastado o perigo com a partida do senhor de Sargues, ficára todavia na mente da condessa uma curiosidade insaciavel. A marquezia tivera, na enérgica accepção do termo, o que se chama uma mocidade tempestuosa; confessando o terço da verdade, era já bastante divertida, e com sua sobrinha, depois do jantar, confessava algumas vezes metade. E' verdade que todas as manhãs se levantava com a intenção de não dizer mais nada, e de desmentir tudo o que dissera; mas as suas anedoctas assimilhavam-se infelizmente aos carneiros de Panurge: á medida que o dia se adiantava, as confidencias multiplicavam-se; de maneira que, quando soava meia noite, acontecia algumas vezes que o ponteiro parecia ter marcado o numero das historietas da boa dama.

Enterrada n'uma grande poltrona, Emmelina escutava gravemente. E' desnecessario accrescentar que essa gravidade era

perturbada, a cada momento, por um louco riso e as mais galantes perguntas. Atravez dos escrúpulos e das reticencias indispensaveis, a senhora de Marsan decifrava sua tia, como um manuscrito precioso em que faltam folhas, que a intelligencia do leitor deve supprir; o mundo tomava para ella uma nova face; viu que, para fazer dançar os titeres, era preciso saber mover os cordões. Tinha pelos outros uma indulgencia que sempre conservou toda a vida; parecia que nada a indignava, e ninguém era menos severo do que ella para os seus amigos. Provinha isto da experiencia a ter obrigado a julgar-se um ser á parte, e que, divertindo-se innocentemente das fraquezas dos outros, renunciára imital-os.

Foi então que, voltando a Paris, se tornou aquella condessa de Marsan, de quem tanto se fallou, e que bem depressa esteve em voga. Já não era a menina Duval, nem a noiva turbulenta e quasi sempre despenteada. Uma só prova e a sua vontade metamorphosearam-na subitamente. Era uma mulher sensata e de coração, que não queria nem amores nem conquistas, e que, com recouhecida prudencia, encontrava meio de agradar em toda a parte. Parecia que a si mesmo dissera: Já que o mundo é assim, aceitemol-o como elle é. Adivinhou a vida, e, durante um anno, não havia divertimento a que não assistisse. Todos julgaram e disseram, que uma tão extraordinaria mudança fôra de certo operada pelo amor, e attribuiram a uma nova paixão a brilhante reaparição da condessa. Como os juizos irreflectidos conduzem ao erro! A resolução que Emmelina tomara de não offender ninguem nem ser offendida, tornava-lhe a vida risonha. A ninguém melhor do que á senhora de Marsan se poderia applicar estas encantadoras palavras d'um dos nossos poetas: «Eu vi por curiosidade (*).»

Estas palavras definem-n'a perfeitamente.

(Continua)

N. ALBERTO DE SOUSA.

(*) Victor Hugo — *Marion Delorme*.
(Nota do auctor.)

QUINZE ANNOS

(NO ANNIVERSARIO DE MINHA IRMÃ MARIA)

..... *Jamais fallo
A vir seu natalicio festejar.*

— *Venturas—são a tinta com que esmalto
as rosas que hoje aqui lhe venho dar.*

(Augusto Forte Galto).

Apraz-me vê-la assim — ligeira, buliçosa
Como tremúla, á brisa ciciosa,
a candida cecém.

São fructo da innocencia os mysticos folguedos...
nem da idade senil os arremedos
lhe ficam inda bem.

Como a rola inquieta, aligera, inconstante,
percorre o vale inteiro n'um instante,
volvendo ao ninho emfim;
ou como á tarde a vaga errando pela praia,
sorri gostosa a Phebo que desmaia,
—apraz-me vê-la assim!

Não queira a sorte má—do fado a inclemencia
verter-lhe esses poemas da innocencia
em amaro travôr!
que as rosas divinaes da sua paimavera
a cinjam sempre, como ao tronco a hera,
n'um idyllio d'amor.

E vós, Virgem dos Ceos, velai-lhe a juventude,
para que firme sempre na virtude
os dubios passos seus.

De Vós o nome tem—firmai-a em Vossa graça
p'ra que não prove o calix da desgraça...
—Velai-a, Mãe de Deus!

Monsão.

J. A. NUNES D'ASEVEDO.

EMILIA, A FIDALGUINHA

(Continuação)

—Então o snr. Aboim não quer do nosso jantar?

—Não, Anna, mal chega para dous! exclamou a fidalga, sorrindo-se.

—Mas a boa vontade accrescenta-o! proferiu Angelo.

—Sim, a boa vontade foi que fez com que Jesus centuplicasse os pães!... Mas não se esqueçam do nosso pedido! Adeus.

E sahiram.

Angelo acompanhou-os até á porta da rustica habitação, e despediu-se d'elles com immensa saudade. Só se retirou, quando já não os descortinava no horizonte da estrada.

Ficou muito triste, e sentou-se junto d'uma mesa com a frente um pouco vergada, e como que alheio de si. E sua mãe, essa, tratava de avivar o fogo da lareira, que estava quasi apagado.

O talentoso artista, depois das ultimas palavras de Emilia, que tinham para elle a magia irresistivel da musica de Beethoven ou Mozart, sentiu uma nova alma, e pareceu-lhe que o mundo se havia transformado n'uma mansão ideal, rica de poesia e de encantos, impossivel de descrever.

Principiava a viver para o amor; e via muito sol e flores, estrellas e céu; sol que a fascinava com as suas encantadoras scintillações, brandas como o luar no espelho das fontes; flores que possuíam o candor da virgindade e o aroma da innocencia; estrellas de vivissimo fogo, e que lhe pareciam fallar d'amor nos seus sorrisos de luz; e céu que era mais transparente que o crystal e de mais iriações do que o prisma.

Mas o sol nem sempre brilha, as flores não duram sempre, as estrellas nem a abobada dos ceos se mostra sempre diaphana e azulada! E Angelo, no meio da sua felicidade ideal, lembrou-se da sua humilde posição, e tombou dos mundos d'um idealismo supremo para a vala da realidade esterilizada! Assim como não ha céu sem nêgrumes, flores sem estiamento, e estrellas sem nublosidades; tambem não pode haver um só momento de felicidade completa.

Angelo pensou em escrever á filha de Fernão de Aboim; tirou na gaveta da mesa uma folha de papel, mas o receio de ser humilhado roubou-lhe a coragem, e resolveu occultar bem fundo na alma o segredo do seu amor.

Sabia que era temeridade confessar a sua paixão; e que era forçoso ser superior a si, para não dar lugar á lucta dos preconceitos.

Porto

SOUSA MOREIRA.

À MARGEM DO MINHO

(A Luiz Sanches)

O Minho é todo um segredo
Em seu doce deslizar,
E' um fio d'esmeralda
Que se estende para o mar.
E' um sonho de saudade
Quando lhe bate o luar.

Junto ás margens encantadas,
O beijo d'uma illusão
Aquece até ás raises
As fibras do coração:
A' alma desce a scentelha
De feliz inspiração.

A saudade que insinua
E' tão triste como a dor,
Tão serena como a aurora
E casta como o alvor,
D'esse espelho scintillante
Das estrellas do Senhor.

Na passagem magestosa
Elle oscula os rendilhados
De boninas e matizes
De que se vestem os prados.
São as pedras do seu leito
Diamantes marchetados.

As virações que o ondeiam
E gemem pela folhagem
Compõe, em notas plangentes
Terna e muda linguagem,
Que diz á alma em segredo;
— Nada temas, tem coragem...

Braga

ALVARO SEQUEIRA.

D. JOÃO II

(Continuação)

Entre esses estavam:
Bartholomeu Dias, o futuro descobridor do Cabo das Tormentas.

Vasco da Gama, a quem estava reservada a gloria para d'ali a alguns annos abrir á Europa as portas do Oriente, e fazer tributarios ao rei de Portugal aos régulos indianos.

D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque, que viriam a ser os primeiros vice-reis da India, e que por seus actos feitos faziam tremer toda a Asia,

Duarte Pacheco, que no reinado seguinte, depois de servir a patria com valor e lealdade, viria a morrer de pobreza em um hospital, devido á ingratidão de D. Manoel.

Fernando de Magalhães, o insigne mathematico, que veio a dar o seu nome ao estreito que descobrira, e finalmente outros, cujos talentos militares ou governativos el-rei D. João 2.º sabia avaliar, e com os quaes contava para darem lustre ao seu reinado.

El-rei erguendo a cabeça de sobre a carta geographica que observava cuidadosamente, e pousando o compasso com que media as distancias, disse para o grupo que lhe ficava mais proximo.

— Singular cousa é, senhores, não poder determinar pela carta que vêdes presente o local mais seguro para se levantar uma fortaleza na costada Mina, onde se possa tratar do resgate do ouro e dos productos d'África. Diogo de Asambuja, vós que sabedor sois das terras africanas, dai-nos a vossa opinião para a fundação do castello que projecta levantar.

— Senhor, respondeu o interrogado, vossa altesa querendo erguer em terras d'África a primeira fortaleza de Portugal, pretende assegurar á Europa, que os descobrimentos maritimos inaugurados pelo snr. infante D. Henrique, que tanta gloria haja, vão não só continuar sob o reinado que começa, como tambem provar o direito que assiste á coroa portugueza, de dominar sobre aquelles vastissimos territorios. O local porém, para se levantar a fortaleza que vossa altesa deseja, só percorrendo essas longinquas paragens e observando de perto onde mais se commercia em productos africanos, se poderá melhor determinar.

Bartholomeu Dias, disse o monarcha voltando-se para o futuro navegador do Cabo das Tormentas, que vos parece da minha pretensão, e do que nos diz Diogo de Azambuja?

— Se primeiro vossa altesa me tivesse interrogado, de mim ouviria a mesma opinião. Sentindo estremecer o coração de entusiasmo pelas nossas empresas maritimas, accrescentaria apenas, se isso me fosse permitido...

— Fallai, disse D. João, com semblante presenteiro.

— Senhor. Quando os portuguezes vi-

ram, que não podiam estender na Europa para mais longe os limites da monarchia de Affonso Henriques, e achando estreita a facha de terra que lhes foi berço, lançaram os olhos para o mar que do ponto lhes servia de barreira da viagem, foram cravar em solo d'alem mar o pendão sagrado das Quinas! Foi sob o sceptro glorioso de vosso augusto avô, o snr. D. João 1.º, que lançamos em Africa os primeiros fundamentos do nosso poderio, graças ao exforço d'aquella abençoada prole. Principes mais illustres nunca a Europa os vira, e foi a elles que a coroa de Portugal deve hoje o engastar-se das preciosas joias das ilhas da Madeira, Porto Santo, e de todo o archipelago açoriano. Na Africa, chegamos ao cabo Bojador. De vossa altesa, ainda ha pouco o senhor D. Vasco da Gama fallava de modo, a merecer a nossa approvação. Elle que repita as suas palavras, se apraz ao nosso rei e senhor.

D. João fez um gesto affirmativo.

SOARES ROMEO JUNIOR.

QUADROS

III

A um doudo...(*)

Andava exposto á vaia e ao riso dos garótos
Que dormem sobre a pedra e em lôbregos portaes,
E junto ás corrupções dos miseros esgotos,
Crestados pelo ardór das calmas tropicaes.

Chamavam-lhe demente os companheiros rótos,
Ao verem-n'o soltar uns cantos gutturaes....
No entanto, o párea tinha uns pensamentos douts,
E assim como um desprezo ás cousas triviaes....

Era engeitado e pobre! Eu vi-o muitas vezes
Na taberna escondendo os pallidos revezes,
E esmolas implorando em troca d'uns *sermões!*

Um dia não sahio, e o povo estava afeito
A vel-o de manhã... Coitado! ao pé do leito
Morria ensanguentado o *bóbo* dos villões!...

TEIXEIRA DE CARVALHO.

(*) Refiro-me a um desgraçado que muito tempo passeiou pelas ruas do Porto.